

CORPO NEGRO: ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO. O CASO DE ROSA MARIA EGIPCÍACA DA VERA CRUZ

Rosely Santos Guimarães*

RESUMO:

Este trabalho realiza uma incursão nas áreas da história, antropologia e literatura visando a uma abordagem interdisciplinar utilizando-se de dois livros: Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil, nos permite analisar a figura feminina da escrava Rosa Egipcíaca no período da história do Brasil-Colônia; e Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz: a incrível trajetória de uma princesa negra entre a prostituição e a santidade, a partir do qual a personagem é focalizada na ficção.

PALAVRAS-CHAVE: *mulher, corpo, história, ficção.*

O presente texto visa a estudar a figura da escrava, representada por Rosa Maria Egipcíaca, na história do Brasil-Colônia, uma história permeada pela escrita literária e antropológica. Tal estudo utiliza-se de dois livros que se constituíram em objetos de análise: *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil*, do antropólogo e historiador Luiz Mott, nos permite estudar a personagem na história do Brasil-Colônia a partir do discurso da história e da antropologia; e *Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz: a incrível trajetória de uma princesa negra entre a prostituição e a santidade*, da escritora Heloisa Maranhão, a partir do qual focalizaremos a personagem na ficção.

No livro *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil*, o autor tenta reconstituir a vida de Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz, que inspirara seu nome de adoção para o projeto de santidade na vida de Santa Maria Egipcíaca¹. Luiz Mott pesquisou a vida da escrava Rosa nos arquivos da Inquisição Portuguesa, na Torre do Tombo de Lisboa, e descobriu que Rosa veio para o Brasil no tráfico de escravos em

* Mestre em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Teoria da Literatura), 2001.

1725. Ela era da Costa da Mina, nação courana, e desembarcou no Rio de Janeiro aos seis anos de idade. O resultado dessa pesquisa originou o livro de 749 páginas e constitui-se como a biografia da escrava Rosa. Segundo o autor, como os outros escravos, assim que chegou ao Rio de Janeiro, Rosa foi vendida como mercadoria. Naquela cidade, viveu até os quatorze anos de idade e, depois de ser violentada por seu proprietário, foi vendida para outro senhor residente em Minas Gerais, onde viveu aproximadamente duas décadas como meretriz. A partir daí, a escrava declara que começa a ter visões místicas, o que a leva a abandonar a prostituição e a se tornar beata. Devido à divulgação de suas possessões e visões, a escrava foi examinada por uma junta de teólogos e exorcistas, sendo considerada embusteira e, por isso, açoitada no pelourinho de Mariana em 1749. Temendo por novas represálias, decidiu voltar para o Rio de Janeiro, levada por seu confessor, ex-exorcista e coproprietário, Padre Francisco Gonçalves Lopes, conhecido como Xota-Diabos. No Rio de Janeiro, os dois fundaram o Recolhimento do Parto em 1751. Rosa passou a ter devotos, inclusive entre o clero. Através de suas declarações escritas, sabe-se que aprendeu a ler e escrever com mais de trinta anos, obrigada por visão celestial, e escreveu um livro, de acordo com Mott, o mais antigo do Brasil-Colônia escrito por uma mulher negra. O antropólogo afirma que o livro possuía mais de duzentas páginas, versava sobre as visões e pensamentos de Rosa e tinha o título de *Sagrada Teologia do Amor Divino das Almas Peregrinas*. Em 1763, a escrava foi acusada de heresia e falsa santidade, tendo seu confessor destruído o livro para que a Santa Inquisição não tivesse provas contra Rosa. No entanto, restaram algumas folhas originais do livro.

O fato de uma mulher subalterna ter escrito um livro reflete o comportamento transgressor de uma mulher negra numa sociedade escravocrata. Neste sentido, Rosa assume o lugar da mulher subalterna definido por Gayatri Spivak em "Quem reivindica alteridade?" (apud Buarque de Hollanda, 1994: 187-205), segundo a qual a mulher subalterna deve assumir a postura do sujeito pós-colonial, "negociando com as estruturas de violência e violação que o produziram." Ao realizar isto, estará refazendo a história e eliminando oposições binárias. A destruição do livro de Rosa Egipcíaca tem explicação na constituição autoritária do regime colonial, que punia toda ação que ameaçasse fugir ao controle estrito a que eram submetidas as expressões artísticas e intelectuais de todo tipo, e deixa evidente o pouco respeito que os

escritos de uma mulher – colonial, subalterna – despertavam. Rosa foi uma escrava que aprendeu a ler e a escrever na língua do dominador e teve a coragem de se colocar como o sujeito de um discurso que busca mudanças na cultura vigente a partir de questionamentos dessa cultura.

Rosa também escreveu cartas que ajudaram na reconstituição de fragmentos da sua vida. Essas cartas revelam bastante sobre sua personalidade e sobre seus projetos, que procuravam desconstruir as diferenças de gênero, raça e classe construídas por uma sociedade comandada por senhores, tanto de engenhos quanto pertencentes à Igreja Católica. Reivindicou também para si um espaço – um "terceiro espaço", para usarmos um termo pós-colonial. Ou seja, Rosa não era branca nem pertencente ao gênero masculino, sendo estes os valores da mente hegemônica. Logo, o lugar daquela mulher negra, no pensamento da classe dominante, era o lugar do subalterno, mas ela criou seu espaço, colocando-se como sujeito da sua enunciação.

O texto de Luiz Mott revela uma postura crítica do antropólogo e historiador diante dos fatos da história. A crítica presente no texto prende a atenção do leitor, pois o narrador vai convidando-o a ler também nas entrelinhas, a ficar atento para o outro significado que está sendo dito. Convida, assim, o leitor a entrar no jogo da tessitura do texto, deixando-o inquieto, não lhe permitindo uma leitura passiva. Luiz Mott ironiza várias atitudes de Rosa, assim como a filosofia e rituais da Igreja Católica. Este gesto de revisão e reconstituição de um passado muitas vezes cristalizado nas versões oficiais da história é uma estratégia postulada nas teorias pós-colonial e subalternista, que buscam repensar a história, principalmente a da colonização, com intuito de reescrevê-la, intervindo na construção da cultura e do conhecimento. No caso de Luiz Mott, o resultado dessa postura é uma narrativa permeada pela ficção, no sentido empregado por Geertz (1989: 14), segundo o qual "os textos antropológicos são interpretações /ficções no sentido de que são 'algo construído', 'modelado', não que sejam falsos; mas experimentos de pensamento."

De acordo com Luiz Mott, o paradeiro final da escrava Rosa é indefinido e seu processo feito pela Santa Inquisição Portuguesa ficou inconcluso; e o autor, sempre crítico, coloca o leitor diante de duas hipóteses que poderiam explicar tal fato: ou a escrava morreu incógnita no cárcere inquisitorial, de doença natural ou

velhice, ou o próprio Menino Jesus encarregou-se de libertar sua velha mãe-de-leite. Contudo, Rosa Egipcíaca, em sua trajetória pelo Brasil, desconstruiu discursos, ora apropriando-se deles, ora rompendo com os mesmos, inserindo, assim, suas marcas na história. Podemos compartilhar um pouco da "sua história" a partir do cruzamento de áreas de conhecimento como a história, a antropologia e a literatura na tentativa de compreendermos melhor as múltiplas questões colocadas por um texto cuja especificidade reside na complexa relação entre representação literária e experiência vivida.

Rosa Egipcíaca aparece como personagem de ficção no romance *Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz: a incrível trajetória de uma princesa negra entre a prostituição e a santidade*, de Heloisa Maranhão. O romance se apresenta como uma espécie de releitura do período colonial brasileiro, pois vários fatos conhecidos da história estão presentes no romance, como a invasão holandesa em Pernambuco; a Inconfidência Mineira; o tráfico de escravos; a heterogeneidade dos cativos; o processo de homogeneização a que foram submetidos e as estratégias de sobrevivências dos mesmos. A mulher aparece como sujeito subalterno, mas que cria seu próprio espaço. A escrava Rosa é a preferida do seu senhor, por isso tem regalias na casa-grande. Ela também aprendeu a ler e a escrever, e manifesta seu desejo de fundar uma casa de recolhidas, com seu protetor, também chamado de Padre Xota.

O romance permite ser caracterizado como metaficção historiográfica, gênero característico da pós-modernidade, no qual ocorre o diálogo entre história e literatura, valorizando personagens marginalizados pela história; são os excêntricos, de acordo com Linda Hutcheon (1991), reconhecendo-se assim a pluralidade e a diferença existentes no interior de toda sociedade. Neste romance, a autora valoriza a pluralidade de vozes, principalmente as dos escravos; personagens reconhecidos pela história, como Tiradentes, também fazem parte do cotidiano na narrativa. A exaltação acontece na história de vida dos muitos escravos /personagens do romance. Outro fator relevante do romance é que a autora manifesta seu desejo de ver valorizadas as culturas, como as da África, pouco reconhecidas por muitos intelectuais, inclusive latino-americanos. Desta forma, Heloisa Maranhão se inscreve na prática do intelectual pós-colonial, que é aquele que deseja repensar fatos da colonização e seus reflexos nas sociedades hoje, objetivando provocar mudanças e fazer emergir uma nova história. O resultado é uma metaficção caracterizada pelo

pastiche, ou seja, a narrativa ficcional acrescenta um ponto de vista à história sem estabelecer uma ruptura com tal discurso.

Em síntese, através da leitura dos dois livros, pode-se perceber: a) semelhanças entre os dois personagens principais, Rosa Egipcíaca e o Padre Xota; fatos e personagens reconhecidos pela história; a viagem de Rosa e do padre para Minas Gerais; fragmentos da vida da escrava Rosa e a mudança de nome baseada na lenda de Santa Maria Egipcíaca; b) diferenças, na estrutura narrativa e no olhar do narrador; no espaço; no destino da protagonista que, no romance, ganha uma mina de ouro de seu senhor, deixada em testamento.

A biografia de Rosa Egipcíaca, escrita por Luiz Mott, e o romance de Heloisa Maranhão revelam ao leitor uma outra história, na linha dos trabalhos empreendidos pelas práticas pós-coloniais, que pretendem revisar a questão dos subalternos, mostrando a história a partir de outra ótica, destacando o lugar ocupado pela mulher escrava, quais novos lugares se podem ocupar, e as estratégias desenvolvidas pelos colonizados, não como simples reações "primitivas", mas como procedimentos que asseguravam sua sobrevivência.

NOTA:

1. A lenda de Santa Maria Egipcíaca pode ser encontrada em Padre ROHRBACHER, 1959: 37-45.

RESUMEN:

Este trabajo realiza una incursión en las áreas da historia, antropología y literatura com vistas a un abordaje interdisciplinar utilizando dos libros: Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil, nos permite analizar la figura femenina de la esclava Rosa Egipcíaca durante el período de la historia del Brasil-Colonia; y Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz: a incrível trajetória de uma princesa negra entre a prostituição e a santidade, a partir del cual el personaje es focalizado en la ficción.

PALABRAS CLAVE: *mujer, cuerpo, historia, ficción.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.
- BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- GEERTZ, Clifford. *El antropólogo como autor*. Barcelona: Paidós Studio, 1989.
- GRAU, Olga. *Ver desde la mujer*. Santiago: Cuarto Próprio, 1990.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo: História; Teoria; Ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MARANHÃO, Heloisa. *Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz: a incrível trajetória de uma princesa negra entre a prostituição e a santidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- MARTINS, Leda. *A cena em sombras*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- MOTT, Luiz. *Rosa Egípcíaca: Uma Santa Africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- MOTT, Maria Lucia de Barros. *Submissão e resistência: A mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo: Contexto, 1991.
- PADRE ROHRBACHER. *Vida dos Santos*. São Paulo: Editora das Américas, 1959.
- RIEDEL, Dirce Côrtes (Org.). *Narrativa: Ficção e História*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994.